

## Apontamentos sobre a situação contemporânea da pós-verdade

Notes on a contemporary post-truth situation

Lucas Ribeiro Mantovani<sup>1</sup>; Lucas Ferreira Quintão Moreira<sup>2</sup>; Maria Vitória Tenedini<sup>3</sup>; Geraldo Adriano Emery Pereira<sup>4</sup>

### RESUMO

Este artigo é resultado da iniciação científica no ensino médio. Nele é apresentado o conceito, ainda que provisório, de pós-verdade, abordando o modo como a situação das fake news afeta a nossa confiança e as relações políticas. Apresenta como alguns fatos e situações históricas apontaram para o problema da verdade factual e como, de algum modo, ela é importante para a vida política. Discorre sobre as várias possibilidades abertas pelo uso da internet e das redes sociais como veículos de informação, quebrando o monopólio das mídias tradicionais, e abrindo novos desafios sobre a circulação e a confiança nas informações transmitidas.

**PALAVRAS CHAVE:** pós-verdade, *fake news*, política

### ABSTRACT

The article is the result of scientific initiation in the High School. It presents the concept, even if provisional, of post-truth, about how the fake news situation affects our trust and political relations. It presents how some facts and historical situations pointed to the problem of factual truth and how in some way it is important for political life. It discusses the various possibilities opened by the use of the Internet and social networks as information vehicles breaking the monopoly of traditional media, and opening new challenges on circulation and confidence in the information transmitted.

**KEYWORDS:** post-truth, fake-news, politics

---

<sup>1</sup> Bolsista do PIBIC-EM/CNPq/UFV(2018/2019).

<sup>2</sup> Voluntário do projeto de pesquisa do PIBIC-EM (2018/2019).

<sup>3</sup> Voluntária do projeto de pesquisa do PIBIC-EM (2018/2019).

<sup>4</sup> Professor de Filosofia do Colégio de Aplicação da UFV.

## 1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho, realizado durante as atividades de iniciação científica do ensino médio, refere-se a um esforço inicial de tentar caracterizar o modo como a situação da pós-verdade tem sido percebida no mundo contemporâneo. O tema *fake news* e os dilemas políticos em torno da crise de confiança e da produção indiscriminada de narrativas colocam desafios que, a princípio, este texto não intenciona solucionar.

O propósito deste trabalho é apenas apontar para o conceito da pós-verdade e ver como as *fake news* geram uma crise de confiança. Nesse sentido, o texto se propõe apenas a provocar e propor o debate acerca desse assunto que ronda a vida social e política contemporânea.

## 2. A CRISE DE CONFIANÇA

Em virtude de um cenário marcado pelo medo, indignação e insegurança devido a constantes desilusões por parte das autoridades políticas e da mídia, principais órgãos de confiança da sociedade, um dos principais problemas relacionados com a propagação de informações são as *fake news*. Esse fato interliga-se diretamente com a situação contemporânea da pós-verdade, em que o apelo emocional ganha mais força que o factual. Mediante a essa crise de confiança, cria-se uma indiferença quanto às origens das notícias recebidas, além da aceitação daquelas que melhor se adaptam às opiniões dos leitores, uma vez que o que está em foco não é mais a veracidade, e sim o grau de comoção, visto que a população passa a procurar discursos reconfortantes para se apoiar.

Segundo Steve Tesich (apud D'ANCONA, 2017, p. 21), “estamos rapidamente nos tornando protótipos de um povo em que os monstros totalitários podem babar em seus sonhos”. Na perspectiva do autor, é possível fazer uma reflexão acerca de impactos que marcaram o contexto político mundial e que utilizaram argumentos manchados pelos valores da pós-verdade em suas conquistas. Como exemplo, podemos citar a eleição de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos e a saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit), visto que tais eventos foram fortemente apontados pela mídia e pela população como episódios que utilizaram em seus discursos conteúdos apelativos que não se comprometiam com a veracidade dos fatos expostos.

Como evidenciado por D'Ancona (2017), não é mais necessário, por parte dos políticos, um esforço tão grande para suprimir a verdade de seus discursos, uma vez que a decisão de querer viver em um mundo da pós-verdade, despojado da veracidade, é nossa, ou seja, livremente do povo. Em razão disso, o que está em jogo não é o ato corrupto dos políticos, mas sim a resposta do povo em relação a isso.

Diante de uma sociedade fragilizada, onde a crise de confiança resulta numa indiferença quanto ao factual, ouvir o que se quer ouvir é o discurso perfeito e suficiente para entregar seu apoio. Além da eleição polêmica de Trump, temos ainda, como exemplo de um contexto marcado pela pós-verdade, a saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit). Essa decisão, de acordo com D'Ancona (2017), se deu pelo triunfo do enganosamente simples sobre o honestamente complexo. Em vez de um apelo emocional, aqueles que defendiam a permanência do Reino Unido na União Europeia apostavam em discursos cheios de dados, algo “pouco atrativo” ao público, uma vez que o discurso a favor do Brexit apostou em demonstrar os ressentimentos do povo (assim como os discursos de Trump, falar aquilo que o povo quer ouvir). Dessa forma, independentemente dos prejuízos, demonstrados nos discursos contra a retirada do bloco, que poderiam ser desencadeados, a saída do Reino Unido venceu.

As situações descritas parecem apontar para uma desvalorização da ciência propriamente dita, ou seja, do valor que comprovar um fato possui, dando lugar à indiferença e aceitação de

qualquer argumento comovente tido como verdade, que provavelmente, por ser um conteúdo duvidoso e incerto, tende a sugerir uma espécie de desprestígio da verdade.

Ainda convém destacar a crise de confiança como um fator importante na manipulação pelas fake news. Esse aspecto, de acordo com D' Ancona (2017), é resultado de equívocos cometidos, principalmente, por grandes empresas, como a jornalística, que, como evidenciado pelo autor, são supostos fiadores de honestidade. A exemplo disso, tem-se a controvérsia sobre grampos telefônicos ilegais e a revelação, pelo New York Times, de que um de seus jornalistas falsificara ou plagiara artigos por quatro anos. Tais fatos afetam a credibilidade e a esperança da população, que veem a mídia como uma fonte confiável de informações. Desse modo, a sociedade fragilizada se encontra mais suscetível e passível de acreditar em notícias falsas.

A população é vista, pelas grandes instituições supracitadas, como responsável por fechar os olhos aos inconvenientes causados por elas, caracterizando a “atenção seletiva”, nomeada assim pelo famoso escritor James Q. Wilson. Dessa forma, cria-se uma indiferença às origens dos discursos expostos pelos políticos e pela mídia. É exatamente essa crise de confiança que resulta numa indignação popular. Essa decepção dá lugar à conformidade em massa, que é o maior empecilho na luta contra a era da Pós-Verdade.

## 2. EM TORNO DA PÓS-VERDADE

No contexto da relação verdade, história e fatos, a mentira parece estar no horizonte como uma opositora digna de consideração. Frente a isso, tal como ocorre no romance *1984*, de Orwell (2009), o passado e a realidade dos fatos podem estar em “xeque”. Segundo o historiador francês Paul Veyne, “os homens não encontram a verdade, a constroem, como constroem sua história”. A partir desse cenário, passamos a uma breve exposição de alguns eventos e sua relação com uma das expressões mais preponderantes da Contemporaneidade: a pós-verdade.

A Filosofia Ocidental desenvolveu-se na Grécia, favorecida, entre vários fatores, pelas discussões existentes em praça pública, consolidadas na ágora. Nesse sentido, a organização social grega foi palco para o surgimento de vários pensadores, destacando-se aqui os sofistas, cujo objetivo era ensinar a arte de argumentar e persuadir, a fim de que os cidadãos vencessem as discussões na ágora. Esses filósofos, por sua vez, foram um dos primeiros a relativizar o conceito de verdade, uma vez que privilegiavam a retórica em detrimento da unidade metafísica das ideias. Um dos representantes desse pensamento foi Protágoras de Abdera (481-411 a.C.): “O homem é a medida de todas as coisas, das que são [enquanto] são, das que não são [enquanto] não são”<sup>5</sup>. Ou seja, Protágoras nega que exista um critério absoluto de verdade, restando ao humano a avaliação das informações às quais está exposto. Nesse sentido, cada um julgaria e pensaria em prol de suas necessidades, criando a própria verdade, marcando o início da discussão relativista na esfera filosófica e política.

Além disso, Altares (2018), em artigo publicado pelo jornal El País, afirma que na Roma Antiga grande parte da população era analfabeta, havendo maior disseminação de notícias falsas. Muitos governantes adaptaram diversas informações aos seus interesses políticos e pessoais, ignorando a realidade. Um exemplo de tais atitudes consistia na manipulação das artes visuais, principalmente, para a representação da figura do imperador. Com a chegada da Idade Média, houve uma fase obscura para os fatos, marcada pela ação da Inquisição. Nesse contexto, a perseguição às mulheres (período denominado de “caça às bruxas”) e aos judeus foi amplamente difundida pelos líderes religiosos, que, por sua vez, utilizavam-se de imagens, pregações e cartazes para chegar aos

<sup>5</sup>Cf. FIGUEIREDO (2007, p. 31).

seus interesses. Um caso curioso foi a divulgação de panfletos anticristãos pela Inquisição, gerando calúnias sobre os judeus.

Atravessando os séculos, a veracidade dos fatos seria colocada em dúvida novamente com as grandes Guerras Mundiais. Nessa época, a disseminação de notícias falsas era alarmante, motivadas por conotações políticas e pela rivalidade aspirada pelos conflitos. Seguindo as análises de Altares (2018), os relatos mostrados durante a Primeira Guerra Mundial e as propagandas falsas a respeito de soldados alemães debilitaram a moral do inimigo e aumentaram o ódio contra eles. Com a ascensão das ditaduras nazista e soviética e a Segunda Guerra Mundial, produziram-se muitas falsidades que comprometeram a realidade vivida.

Enquanto na Alemanha Adolf Hitler usava notícias falsas, através da propaganda, para manipulação das massas, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) Stalin passava a ideia de um “socialismo bondoso”, apesar de assassinar e deportar milhões de pessoas. Diante disso, muitos consideraram a atitude desses líderes como absurda, negando-se a reconhecer a própria realidade, e, por isso, acabaram adotando-a como falsa. Essa situação caracterizou-se como “hipernormalização”<sup>6</sup>. Paralelamente a isso, Koyré (1945) faz alusão ao modo como verdade e mentira se articulavam no contexto dos regimes totalitários. Em seu texto, Koyré (1945) analisa a maneira como a mentira figura como importante expediente das relações políticas modernas.

Ainda nessa perspectiva, Thomas Mann (2009), um dos críticos do totalitarismo alemão, produziu cerca de 58 discursos em prol da liberdade e da luta antinazista. Esses pronunciamentos eram gravados para a BBC e enviados a Londres, onde eram transmitidos para a Alemanha. Apesar da pouca audiência, devido à censura do regime alemão, tais discursos apresentaram valores simbólicos para a população. Em seus pronunciamentos, Mann (2009) criticava amplamente a realidade nazista, ressaltando a população como cúmplice dos horrores do regime, o qual, por sua vez, construía o imaginário popular através da omissão da verdade, apelando para o nacionalismo.

Mas as velas de Natal estão acesas. Gostaria de lhes perguntar como lhes parecem, sob a luz, os atos que seus líderes os fizeram cometer, como nação, nos últimos anos, os atos de violência desvairada e destruição dos quais eles os tornaram cúmplices intencionalmente, todas as atrocidades que acumulam em nome de vocês, a inexplicável miséria e o sofrimento humano que a Alemanha nazista, ou seja, uma Alemanha que não pode mais ser nem alemã, nem cristã, disseminou em torno de si mesma [...]. (MANN, 2009, p. 23)

Com a chegada da Guerra Fria – época de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre Estados Unidos e União Soviética – os fatos não saíam ilesos. A filósofa política alemã Hannah Arendt retrata em seu texto “A mentira na política: considerações sobre os documentos do pentágono” os mecanismos utilizados pelo governo americano para mentir sobre o ocorrido na Guerra do Vietnã, símbolo desse contexto. Anteriormente ao início desse conflito, o presidente Lyndon Johnson alimentava o imaginário da população sobre a importância da interferência americana direta no Vietnã, mal sabendo que custaria a vida de milhares de soldados, criando um clima de insatisfação no país. Nesse sentido, os estrategistas de guerra fizeram o uso do convencimento como forma de evitar uma derrota humilhante, mediante o avanço do conflito. Ou seja, persuadiram o mundo, utilizando-se de campanhas anticomunistas e argumentos que debilitaram a moralidade dos vietcongues (Frente Nacional para a Libertação do Vietnã), sendo uma forma de não admitir a derrota. Em certas palavras, devia prevalecer a “imagem” dos Estados Unidos como potência, além de evitar que um primeiro presidente americano perdesse uma guerra. Nesse contexto da relação entre verdade e política, Arendt (2013) afirma que:

---

<sup>6</sup> O termo implica um processo de construção da realidade desconectada dos dados efetivos sobre ela, frequentemente motivada pelas propagandas do regime. Cf. *Hypernormalisation* (2016).

A veracidade nunca esteve entre as virtudes políticas, e mentiras sempre foram encaradas como instrumentos justificáveis nestes assuntos. (...) por um lado pela natureza da ação, e, por outro, pela natureza de nossa capacidade de negar em pensamento e palavra qualquer que seja o caso. (ARENDETT, 2013, p. 15)

Em suma, conclui-se que em vários momentos da história a narrativa dos fatos esteve à mercê dessa distorção factual sendo, porém, algo ainda relevante na Contemporaneidade. Mediante essa breve contextualização histórica, retrataremos a seguir essa influência atual da Pós-verdade, embasada em temas como, por exemplo, o declínio da confiança da população em instituições tradicionais, a assimilação seletiva da verdade e o crescimento de “fatos alternativos” que explicam essa nova realidade. A partir disso, podemos provocar o debate sobre modos alternativos para o enfrentamento de possíveis soluções que visem evitar que as situações mencionadas continuem a prevalecer ao longo dos anos.

### 3. ERA DIGITAL E DISSEMINAÇÃO DE *FAKE NEWS*

Apesar de já se configurar como integrante atemporal do discurso humano, como evidenciado pelas transformações paradigmáticas no tratamento filosófico do tema ao longo da história, a pós-verdade adquire novos contornos no século XX, especialmente após a invenção do primeiro computador digital de grande escala<sup>7</sup> e da internet pelo governo estadunidense<sup>8</sup>. Os rápidos avanços na popularização e aprimoramento dessas tecnologias proporcionaram à população civil o acesso a audiências anteriormente inimagináveis, cada vez mais interconectadas por meio de redes globais abrangentes. Esse processo, intensificado pela utilização de redes sociais e aparelhos *touchscreen* no início do século XXI, enfraqueceu o monopólio dos atores governamentais e da mídia tradicional na transmissão de informações de amplo alcance, contribuindo imensamente para o enfraquecimento dela e para a disseminação do que hoje é conhecido como *fake news*. Após as eleições americanas de 2016, o termo ganha espaço no vocabulário popular e, a despeito de sua origem epistemológica ser frequentemente atribuída ao então candidato presidencial Donald Trump, sua incidência é tão antiga quanto as discussões a respeito do tema, revelando que o ceticismo em relação a informações transmitidas por fontes tradicionais não surge na Contemporaneidade<sup>9</sup>. O fenômeno é caracterizado, em espectro mais amplo, pela efervescência de multiplicidades de vozes e personalidades oriundas do agigantamento do indivíduo essencialmente subjetivo. Esse processo, iniciado na Modernidade, possui implicações na construção do sujeito que interage com o meio multifacetado e na delimitação contemporânea da pós-verdade<sup>10</sup> como assunto central da esfera pública e política.

Apesar de não ser nova, a pós-verdade passa a ser reforçada pela contestação das fontes tradicionais de informação pelas redes sociais, processo que apresenta seus sintomas durante a segunda década do século XXI, alcançando quase todas as regiões industrializadas do globo<sup>11</sup>. No

<sup>7</sup>O Electronic Numerical Integrator and Computer (ENIAC), desenvolvido pelo exército estadunidense em 1946.

<sup>8</sup>Inicialmente de uso exclusivamente militar norte-americano, surgiu em 1969 e se tornou de uso civil em 1983, em contextos de Guerra Fria.

<sup>9</sup>Em artigo pertinente escrito ao site “Medfiashift”, Rich Shumate defende que a história do termo, inicialmente ligado à publicação de notícia falsa pelo então respeitado jornal The New York Sun, oferece ferramentas de combate à disseminação de *fake news* no contexto contemporâneo.

<sup>10</sup>Eleita palavra do ano pelo Oxford Dictionaries (2016).

<sup>11</sup>Para o cientista político Ian Bremmer, o fenômeno é característico de desconfiança da população quanto aos privilégios obtidos pelas elites políticas, corporativas e midiáticas, propagadoras do discurso politicamente correto, e ocorre em quase todo o mundo industrializado, com algumas exceções, como o Japão, país econômica e politicamente estável.

Reino Unido, por exemplo, a confiança do público em relação à mídia alcançou, em 2017, o mínimo histórico de 24%<sup>12</sup>. A atual descredibilização jornalística, na análise do repórter D'Ancona (2017), pode ser em parte atribuída aos filósofos pós-modernos da segunda metade do século XX. O autor argumenta que o construtivismo social tipicamente pós-moderno defendido por autores como Michel Foucault e Jacques Derrida contribuiu para a desconstrução da noção de verdade, sinal de honra e confiança social nas instituições regentes durante o período clássico e medieval. Segundo essa linha de pensamento, se o público deve questionar ou até mesmo se opor às versões dominantes da história humana, transmitidas pelo processo de endoculturação, e às autoridades institucionais – que são vistas como propagadoras do controle social sobre seus subordinados –, a alternativa se apresenta na forma de uma cosmovisão multifacetada descrita por Bauman (2001), segundo a qual a deterioração das relações sociais acompanha o avanço do imediatismo contemporâneo. Essa organização social, diametralmente oposta à organização mental consolidada na crença do controle social por forças metafísicas<sup>13</sup>, promove a noção de indivíduo autossuficiente capaz de fazer deduções assertivas acerca de seu meio social a despeito das imposições sociais às quais está sujeito. A ideia possui implicações relevantes no tratamento da verdade por ele, que passa a deliberadamente escolher versões de acontecimentos que reforcem suas convicções já existentes sobre o tema abordado<sup>14</sup>.

Essa mentalidade, amplamente explorada na mobilização popular a favor de guerras<sup>15</sup>, como a organizada pelo governo russo<sup>16</sup>, é tão antiga quanto o Império Macedônio, que, durante as conquistas alexandrinas, tornou-se exímio em agregar povos não gregos à administração centralizadora do Império pela assimilação por estes de interpretação histórica promovida pelos dominadores – estratégia política que se repete pela história<sup>17</sup>. Somado a isso, identifica-se a utilização da oralidade para a promoção de noções de mundo deturpadas, que atendam aos interesses sociais daqueles que as propagam, evidenciando hábitos tão antigos quanto a história humana<sup>18</sup>. Adicionalmente à existência de tais elementos anteriores à modernização vertiginosa do último século, já era possível visualizar indicativos da ocorrência da instrumentalização deliberada da mentira para obter ganhos políticos<sup>19</sup>. Além disso, a banalização de práticas corruptas, alimentada pela crescente necessidade de ter acesso às plataformas digitais para integrar o processo de socialização humana, promove o individualismo<sup>20</sup>. Este é materializado na escolha, pelo espectador, de políticos ou conteúdos midiáticos que lhe pareçam intelectualmente seguros, pertencentes à sua zona de conforto psicossocial.

---

<sup>12</sup>Estatística levantada pelo jornal The Guardian (2017).

<sup>13</sup>PETERSON (1999).

<sup>14</sup>Fenômeno que pode ser interpretado como exemplificação da teoria da escolha racional, elaborada em meio às mudanças paradigmáticas na análise sociológica das escolhas individuais e coletivas provocadas pelo racionalismo moderno.

<sup>15</sup>A exemplo da utilização de propagandas pelo governo russo para conquistar apoio popular ao envolvimento do país na Guerra da Ucrânia (2014).

<sup>16</sup>Este manipulava sua população por meio da omissão dos problemas de abastecimento interno do país, criando falsa ilusão de continuidade eterna do sistema político-econômico vigente, ilusão explorada no documentário *HyperNormalisation* (2016).

<sup>17</sup>Ela foi repetida, séculos depois, pelos nazistas, que se utilizaram da relativização da verdade para iludir a população alemã a respeito da credibilidade da invasão à Polônia, como observado em Mann (2009).

<sup>18</sup>Como mostrado pela metáfora, em “Crises da República”, de um cidadão que utiliza a torre de sua cidade para lubrificar os integrantes de sua *polis* (ARENDDT, 2013).

<sup>19</sup>Segundo D'Ancona (2017) já era possível apontar para a transformação da vitória eleitoral em um fim único e último.

<sup>20</sup>No ambiente digital, tal postura alimenta a polarização política por meio da visualização de “factoides” (falácias lógicas) que atendam às expectativas de quem as lê, alimentadas por “Implicit Bargains” – cálculos racionais que precedem deliberações individuais e que consideram os efeitos e riscos destas.

Além disso, a partir da teoria da escolha racional aplicada ao contexto do tratamento da verdade, com o advento da globalização acelerada, as forças coercitivas anteriores ao indivíduo na assimilação de informações, como os costumes aristocráticos europeus ou o respeito às hierarquias etárias, se enfraqueceram. Por conseguinte, diante de um vasto mercado de informações e versões deturpadas de verdades objetivas, resta ao homem moderno escolher entre as opções – pseudofactuais ou legítimas – que lhe são apresentadas a que lhe parece mais conveniente, à luz da teoria da escolha racional, que presume que a escolha deliberada a ser tomada será aquela com melhor relação custo-benefício aos olhos de quem as faz. Em meio à multiplicidade de vozes e identidades que compõem e caracterizam a Modernidade e as redes sociais, a escolha consciente de uma versão da história que seja cômoda aos olhos de quem a lê parece o caminho mais adequado e confortável, instaurando-se uma verdadeira cultura da pós-verdade. Dessa forma, o homem moderno opta por não querer sair de sua caverna platônica<sup>21</sup>, mas se convencer de que as sombras vistas em suas paredes representam a totalidade da existência humana, em sua esfera política e dogmática. Movida pela relativização e polissemia das noções de honra e virtude, a crise institucional – que fornece à Contemporaneidade aceitabilidade social para o questionamento dos princípios outrora reinantes sobre o aparato social – se instaura. A radicalização dela ocorre quando indivíduos de grupos sociais distintos passam a se enxergar mutuamente como não compreendedores do mundo – efeito característico das ideologias políticas, que parecem se utilizar de instrumentalizações teóricas para promover medidas excludentes rumo ao progresso socioeconômico.

Nesse novo paradigma, a quebra da previsibilidade dos padrões estabelecidos pelas normatividades científicas, retroalimentada pelo imediatismo no julgamento de valor, relativiza o sistema milenar de verdade adotado pela sociedade Ocidental e enxerga a ciência como um fim em si mesmo – e não um método – para o progresso material das sociedades<sup>22</sup>. A ciência parece fazer uma ponte anteriormente intransponível entre elementos dogmáticos conflituosos, quando de fato passa a ser utilizada para o reforço das peculiaridades grupais já existentes. Nesse recém-instaurado cenário, surgem conflitos essencialmente contemporâneos em relação ao papel que as grandes empresas tecnológicas, detentoras de um vasto monopólio informacional, devem exercer sobre as informações que circulam em seus servidores<sup>23</sup>. A compreensão do conceito de “falsas equivalências”, segundo o qual ideias de validade lógica e semântica díspares passam a denotar equivalência racional, é essencial para o entendimento de como a *internet*, paradoxalmente, produz e simultaneamente limita a liberdade de expressão e a propagação de teorias conspiratórias. Por um lado, a Psicologia de Gestalt fornece esclarecimento sobre o sucesso de conteúdos de marketing empresarial ou ideológico em captar a atenção almejada ao associar as informações divulgadas em suas plataformas midiáticas a padrões cognitivos preexistentes no internauta digital. Por outro, a digitalização de áreas anteriormente inatingíveis por sinalização de rádio deu voz a comunidades socioeconômicas outrora negligenciadas, caracterizando o conflito a respeito do papel social benéfico exercido pela tecnologia e suas limitações.

Nesse novo mundo, marcado por crises financeiras e sociais, como a de 2008, que abalou as crenças populares nos processos democráticos e financeiros, dá-se voz a políticos populistas que se manifestam abertamente contra o *status quo* vigente – fenômeno que pode ser compreendido, de

---

21 Cf. *A República*, livro VII.

22 Como abordado por Walter Benjamin em sua crítica ao papel assumido pela ciência da primeira década do século XX.

23 Evidenciados no debate sobre a censura do comentarista político Alex Jones pelo Facebook e na controvérsia envolvendo o site conservador Prager University e a rede social supracitada.

forma mais ampla, como um protesto social contra a “apatia” política<sup>24</sup>. Esta, vista no imaginário popular como precursora de desempregos estruturais e fragilizações econômicas, passa a ser objeto de total repúdio por ambos os lados do espectro político global, exemplificados pela ascensão de Donald Trump e Bernie Sanders, ambos populistas, nos Estados Unidos, outrora referência mundial de confiança em suas instituições sociais.

Nesse contexto, o culto à personalidade ganha força, devido à tentativa populista de erguer heróis que possam reestabelecer ou revolucionar a ordem socioeconômica, abalada pela ausência de impulsividade dos atuais detentores do poder. É um culto fundamentado na crescente ideia de que, em todas as situações, há grupos buscando ser beneficiados por contextos de crise<sup>25</sup> – ideal difundido principalmente por Marx, reforçando a crise institucional preexistente e abalando o sistema político.

Somado a isso, a crescente influência de programas de televisão e revistas que se utilizam de meios sensacionalistas para atrair audiências gera consequências degradantes ao comportamento digital, por meio do qual comentários outrora socialmente retaliados passam a ser enxergados como manifestações heroicas de combate ao comportamento politicamente correto, no qual está a suposta gênese do caos psicológico e existencial<sup>26</sup>, retroalimentado pela crise da noção de verdade estática. Dessa forma, a verdade passa a ser reduzida ao perspectivismo moral, e múltiplas versões do ocorrido ganham voz, substituindo a hierarquia anteriormente dominante das fontes tradicionais na *internet* pelas “relações par a par”, na Web 2.0<sup>27</sup>. Nesta, à luz das interpretações feitas sob pretextos ideológicos distintos, conflitos sociais emergentes levam à constante rotulação e divisibilidade social, estendendo os abismos intelectuais deixados pela pós-verdade. A instrumentalização da dúvida para a construção do conhecimento seguro, defendida por Descartes, passa a ser atacada devido ao temor de que as preconcepções (reforçadas pelo individualismo autossuficiente secularista) sejam alteradas. A aversão ao questionamento intelectual, que reforça o esvaziamento da esfera política, materializada em ofensas e rotulações a pensadores ou grupos discordantes, revela fragilidade intelectual e psicológica.

A explicação mais plausível para a ascensão da pós-verdade como debate sociopolítico central está, em última análise, na desconfiança das relações sociais, mascarada pelo discurso politicamente correto (que se configura como consequência – e não causa – do fenômeno), que difunde a existência de laços sociais pacíficos quando, na realidade, estes estão submetidos a relações de tensão e conflito. Estas, quando evidenciadas, provocam desconforto e levam à criação de “factoides alternativos” que reforçam a lealdade grupal daqueles que os propagam. Portanto, uma ponderação acerca do problema se encontra na transparência comunicativa e no combate ao individualismo exacerbado por meio da formação de grupos sociais pautados em relações de confiança<sup>28</sup>.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise da pós-verdade, dessa forma, não deve ser entendida como consequência do populismo e sim como precursora dele. A crise de confiança e o abalo sobre as relações políticas

---

<sup>24</sup>A crise contemporânea da representatividade política pode ser entendida como contingente de um espectro mais amplo de fatores simultâneos que, quando contingentes, provocam incertezas que levam a crises políticas, típicas da sociedade de risco (BECK, 2011).

<sup>25</sup>A ideia de que o sistema político beneficia seus integrantes está presente em análises historiográficas marxistas.

<sup>26</sup>PETERSON (1999).

<sup>27</sup>D'ANCONA (2017)

<sup>28</sup>Sebastian Junger, jornalista americano e ex-combatente pelo exército, defendeu em uma palestra à organização TED a criação de relações sociais de confiança como problemática urgente. Para ele, a urgência da questão se evidencia no fato de que muitos de seus ex-companheiros de exército sentiam falta da guerra porque ela permitia a construção de irmandades inexistentes na sociedade civil.

sinalizam para a necessidade da crítica à condição contemporânea da pós-verdade. A introspecção do indivíduo, aparato insubstituível da cosmovisão social, já evidenciara a aceção seletiva de informações que moveriam a circulação de *fake news*, anos depois<sup>29</sup>. Indagações outrora inexistentes a respeito da própria existência de uma verdade estática e universal levam à difusão de diferentes postulados a respeito do tema. A título de sugestão, parece ser razoável sinalizar que a verdade se encontra na interseção de informações entre fontes que propagam ideias diametralmente opostas. Assim, a interseção factual de versões históricas propagadas por ideias divergentes é capaz de reduzir ao máximo a subjetividade das interpretações, de forma que destacamos a possibilidade de se traçar um diagrama de Venn<sup>30</sup> como forma de ilustrar tal modelo. Nele, a interseção de círculos adjacentes representa informações tidas como factualmente corretas, mencionadas por ambas as partes. No entanto, conforme se afasta da região de interseção, outros níveis de verificabilidade são atribuídos às informações analisadas, proporcionalmente distantes da factualidade compartilhada por ambos os círculos. Essa hierarquização assemelha-se àquela já utilizada por muitos órgãos de verificação informativa, como a Agência Lupa<sup>31</sup>. Apesar de todos os esforços aqui presentes no combate à disseminação de uma cultura que trata a factualidade como mero luxo passível de ser incorporado aos processos políticos, a escolha entre propagar notícias falsas ou manter a integridade intelectual inabalável é essencialmente individual e deve ser tratada como tal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTARES, Guillermo. **A longa história das notícias falsas**. El País, 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298\\_389944.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html)>. Acesso em: 16 jan. 2019.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2016. p. 282-325.

\_\_\_\_\_. **Crises da república**. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 9-48.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 7-22.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco - rumo a uma outra modernidade**. [S.l.]: Editora 34, 2011. p. 16-28.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. Tradução: Carlos Szlak. 1. ed. Barueri: Faro Editorial, 2018.

---

<sup>29</sup>Após as análises de Freud e as dissertações de Jung, a racionalidade humana é cada vez mais compreendida como integrante adjacente dos processos cognitivos, embasados também no subjetivismo. Este, em sua essência, é amplificado pela pós-verdade, que preza pelos sentimentos em detrimento dos fatos. Arendt já explorara o conceito anos antes, em *Crises da República* (ARENDT, 2013), no qual explora a capacidade humana de subverter a verdade factual para atender a seus interesses, exemplificada pela autora na afirmação de que, com suficiente poder de persuasão, “dois mais dois podem ser igual a seis”.

<sup>30</sup> O Diagrama de Venn, muito utilizado na Teoria dos Conjuntos, na Matemática, e nos estudos filosóficos a respeito de silogismos, é abordado aqui como ilustração de um modelo que aspira à objetividade factual em meio a visões conflituosas sobre temas pertinentes cujas retóricas se apoiam na construção premeditada de fatos e notícias falsas.

<sup>31</sup> A Agência Lupa é um órgão brasileiro não governamental de checagem de fatos.

FELDMANN, Anna Flávia. **Comunicação e veracidade histórica**. UFRGS, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/gthistoriamidiaalternativa\_annafeldmann%20(1).pdf>. Acesso em: 13 abr. 2019.

FIGUEIREDO, Vinícius (Org.). **Filósofos na sala de aula**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2007. p. 31.

KOYRÉ, Alexandre. **The political function of the modern lie**. Contemporary Jewish Record. New York: 1945. Vol. VIII. Disponível em: < https://pt.scribd.com/document/193714879/The-Political-Function-of-the-Modern-Lie-Contemporary-Jewish-Record-Vol-VIII-1945>. Acesso em: 15 jan. 2019.

MANN, Thomas. **Discursos contra Hitler**. 1. ed. Jorge Zahar, 2009. p. 11-39; p. 129-132.

ORWELL, George. **1984**. Trad. Alexandre Hubner, Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

PETERSON, Jordan B. **Maps of meaning: the architecture of belief**. New York: Routledge, 1999. p. 1-4.

STRAUSS, Leo. **Direito Natural e História**. Trad. Bruno Costa Simões. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

VAZ, Henrique Cláudio de. **Escritos de filosofia IV: introdução à ética filosófica – I**. São Paulo: Loyola, 1999. p. 15.

## SITES PESQUISADOS

A HISTÓRIA DOS COMPUTADORES E DA COMPUTAÇÃO. TECMUNDO. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/tecnologia-da-informacao/1697-a-historia-dos-computadores-e-da-computacao.htm>. Acesso em: 7 mai. 2019.

A INTERNET COMPLETA 44 ANOS; RELEMBRE A HISTÓRIA DA WEB. TECHTUDO. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2013/04/internet-completa-44-anos-relembre-historia-da-web.html >. Acesso em: 7 mai. 2019.

BRITON'S TRUST IN GOVERNMENT FALLS SHARPLY. THE GUARDIAN. Disponível em: <https://www.theguardian.com/politics/2017/jan/16/britons-trust-in-government-media-business-falls-sharply >. Acesso em: 7 mai. 2019.

CADÊ A CHAVE? COMO DESMASCARAR FAKE NEWS – Ep. 1215. 2018. (9min31s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AL9zAo6jt8M >.

Dissecting the #PizzaGate Conspiracy Theories. THE NEW YORK TIMES. Disponível em: < https://www.nytimes.com/interactive/2016/12/10/business/media/pizzagate.html?searchResultPosition=>. Acesso em: 9 mai. 2019.

FACEBOOK APOLOGISES FOR BLOCKING PRAGER UNIVERSITY'S VIDEOS. BBC NEWS. Disponível em : <https://www.bbc.com/news/technology-45247302>. Acesso em: 9 mai. 2019.

FAKE NEWS ISN'T NEW; HISTORY OFFERS A WAY TO FIGHT IT. MEDIASHIFT. Disponível em: <<http://mediashift.org/2017/05/fake-news-isnt-new-history-offers-way-fight/>>. Acesso em: 7 mai. 2019.

FOUR TRICKY WAYS THAT FAKE NEWS CAN FOOL YOU. TED IDEAS. Disponível em: <<https://ideas.ted.com/four-tricky-ways-that-fake-news-can-fool-you/>>. Acesso em: 9 mai. 2019.

HYPERNORMALISATION 2016. CRISALIST. Youtube. 2 Nov. 2016. 160min28s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-fny99f8amM>>. Acesso em: 7 mai. 2019

POR QUE OS VETERANOS SENTEM FALTA DA GUERRA? TED. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/sebastian\\_junger\\_why\\_veterans\\_miss\\_war?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/sebastian_junger_why_veterans_miss_war?language=pt-br)>. Acesso em: 9 mai. 2019.

TRÊS CASOS DE FAKE NEWS QUE GERARAM GUERRAS E CONFLITOS AO REDOR DO MUNDO. BBC. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-43895609>>. Acesso em: 7 mai. 2019.

US VS. THEM - THE FAILURE OF GLOBALISM - IAN BREMMER. (4min9s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iG4Fv83DFI4>>. Acesso em: 21 mai. 2019.

WORD OF THE YEAR 2016 IS... OXFORD DICTIONARIES. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>>. Acesso em: 7 mai. 2019